

## ADELINO MARQUES

Nasceu em Gondomar, onde reside.

Iniciou o contacto com a fotografia no final dos anos setenta, na Faculdade de Medicina do Porto, tendo sido um dos colaboradores do departamento de fotografia da Associação de Estudantes. Frequentou o curso livre de fotografia da Cooperativa Árvore nessa mesma época e mais tarde o IPF – Porto.

Tem participado em exposições individuais e colectivas em Portugal e no estrangeiro, nomeadamente em Itália, França, Polónia e nos Estados Unidos. Alguns dos seus trabalhos encontram-se publicados em revistas e livros e fazem parte de colecções particulares e institucionais.

## FICHA TÉCNICA

Direção do MIRA FORUM  
*Manuela Matos Monteiro, João Lafuente*

Press Officer  
*Patrícia Barbosa*

Fotografia e Vídeo  
*Manuela Matos Monteiro, Patrícia Barbosa, Rui Apolinário e José Vaz e Silva*



MIRA  
FORUM

Rua de Miraflor nº 155 | Campanhã, Porto  
<http://miragalerias.net>  
[miraforum@galeriasmira.net](mailto:miraforum@galeriasmira.net) | 929 145 191 - 929 113 431  
Terça a sábado, das 15:00 às 19:00



## METAMORFOSE DE UMA PAISAGEM

*fotografias de Adelino Marques*

13 - 31 jan 17

Dois fotografos - Adelino Marques e Jorge Pedra - encontram-se para a partir de linguagens distintas abordarem o(s) tempo(s), o(s) lugar(es). Caberá a cada um dos espectadores procurar/encontrar elementos semelhantes/dissimilares entre as imagens propostas por Adelino Marques em “Da evanescência das marés à intemporalidade dos lugares (Metamorfose de uma paisagem I e II)” e a “Ausência” de Jorge Pedra. Será que as duas propostas se contaminam orientando-nos numa direção ou antes nos fazem divergir em distintas direções? Em jeito de provocação esta exposição inquietar-nos-á na sua aparente tranquilidade. Afinal “O que sentimos ver” é a questão central destas duas propostas de Adelino Marques e Jorge Pedra.

(Manuela Matos Monteiro, Janeiro 2018)

## **Da evanescência das marés à intemporalidade dos lugares** (Metamorfose de uma paisagem I e II)

*...quand nous parlons du temps, nous pensons à la mesure de la durée, et non pas à la durée même. Mais cette durée, que la science élimine, qu'il est difficile de concevoir et d'exprimer on la sent et on la vit.*

H. Bergson, *Matière et mémoire*

O rasto da última maré já quase se perdeu na areia. Adivinham-se-lhe os deradeiros contornos, ainda capazes de seduzir os sentidos, “os” de cada um de nós, pelo mar adentro, na senda de uma intemporalidade de outros tantos horizontes.

Evanescência singular, esta, a das marés; eternamente pendular e regulada por uma métrica tão precisa que quase nos rouba o fascínio de podermos sentir o pulsar da imensa clepsidra que tanto mede o tempo “todo” como a sua ausência. Paradoxos.

239° SW 41°7'15" N 8°39'54" W – 11h 39 m – 3 jun 2016 Meia maré! Assim manifesto, o sentido geográfico e temporal de Salgueiros (*Metamorfose de uma paisagem I*), de tão linear e unívoco, com uma clareza e evidência tais, tende a afastar-nos de qualquer veleidade mais invasiva. Aparentemente, estão reunidos todos os requisitos necessários para que o aconchego/confor-

midade racional se realize dentro dos ditames do que se convencionou denominar de conhecimento. Em causa está a relação de maior ou menor proximidade cognitiva entre aquilo que somos e a “paisagem”.

De facto, a materialização do tempo, ou, nas palavras de Bernardo Pinto de Almeida, a transformação “...do tempo em espaço (tal é a grande transformação do instantâneo)” uma vez que “a fotografia como que territorializa”, constitui um dos riscos da imagem fotográfica. Risco de coisificação ou de conhecimento exacto do instante isolado, desvinculado da nossa condição de “ser-no-mundo”...risco de nos ser negado o concurso da memória e da imaginação na construção criadora de um tempo interior (nosso) acerca do acontecimento. Por outras palavras, desvencilhar-se do espartilho cronológico enquanto resultado de uma pura conceptualização, talvez signifique ser agente de uma experiência de reconstrução desse mesmo tempo interior (de vida) que, para além de ser pertença de cada um, é capaz de nos religar a uma compreensão mais ampla e totalizadora do devir e das suas múltiplas representações.

Como dissipar a densidade delimitadora do conceito de tempo e do lugar que o tende a preencher? Justapondo o mesmo lugar no mesmo tempo numa ubiquidade transfiguradora, ao ponto de diluir as coordenadas espaço-temporais numa metamorfose onde a leveza – sim, a “leveza” de que nos fala Italo Calvino – seja sentida e, sobretudo, vivida (*Metamorfose de uma paisagem II*).

Assim, a evanescência não é condição exclusiva da(s) maré(s), nem a intemporalidade constitui a marca d'água única das paisagens/lugares que Adelino Marques fotografou e agora nos propõe nesta exposição. Mas, poderão constituir-se como pressupostos essenciais de quem assume o acto de fotografar como se de um gesto hermenêutico se tratasse, sabendo, de antemão, que *uma fotografia é simultaneamente uma pseudopresença e um signo de ausência* (S. Sontag).